

O COMÉRCIO DOS "COOLIE" [1819-1920].

ALEXANDER CHUNG YUAN YANG
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO.

Após a libertação dos escravos e por ocasião da revolução industrial britânica, no início do século XIX, e em consequência da implantação de diversas colônias pelas potências capitalistas, tornou-se necessário o pagamento de salários baixos aos lavradores.

Porém, os escravos já haviam sido libertados e foi preciso encontrar novos lavradores para esses trabalhos. A solução estava nos imigrantes chineses que, graças a circunstâncias específicas, se submetiam a esse tipo de trabalho com baixa remuneração, tornando-se ideais para os interesses dos ocidentais no campo da lavoura.

No início do século XIX houve o incremento de plantações de algodão, cana-de-açúcar e exploração de minas de adubos, no Novo Mundo, e ainda o desenvolvimento de minas em Sumatra, cultura de arroz na Malaia e açúcar no Hawai. O serviço militar durante a 1.ª guerra mundial contribuiu também para a utilização de trabalhadores com baixos salários.

A denominação de *coolie* aparece como *coles* nos escritos portugueses quinhentistas. A palavra origina-se do hindu *kuli*. Evoluindo a seguir para *coly* — *kouilly* e finalmente ao francês *coulie*. Em inglês passou a ser *coolie*, massa móvel de trabalhadores assalariados, quer indianos, quer chineses, que se irradiaram pelo Ocidente servindo a várias sociedades.

* * *

O MERCADO MUNDIAL DOS COOLIE.

a). — *As grandes emigrações e expansão colonialista.*

Embora fenômeno antigo, a imigração atingiu o seu climax no século XIX, tomando caráter mais sério após o término da 1a. Guerra Mundial. Dos grupos emigratórios, os de origem européia são numericamente os mais importantes, havendo-se registrado, apenas entre 1815 e 1914, a saída de 60 milhões de pessoas de seus países de origem.

Entre 1840 e 1850 os irlandeses foram os que mais imigraram, e no Oriente Próximo sobressaíram-se os sírios e libaneses. Na Europa, os britânicos, alemães, ibéricos, italianos, poloneses e russos. No Extremo Oriente: os japoneses e os chineses. O comércio dos *coolie* é visto dentro do panorama da emigração mundial como emigração oriental em direção ao Ocidente ou às colônias de potências ocidentais localizadas no Oriente (1).

Os primeiros chineses ao saírem de seu território dedicaram-se a trabalhos agrícolas nas colônias e à mineração. As segundas levadas incluíam trabalhadores qualificados para atender a retaguarda, no esforço de guerra das potências ocidentais.

*

b). — *Demanda da mão-de-obra no Ocidente.*

Analisando os grandes movimentos migratórios nos séculos XIX e XX, Leo Huberman nos mostra como

“se procurava, por todos modos possíveis, atrair os trabalhadores estrangeiros habilidosos, capazes de introduzirem no país novos ofícios e novos métodos. Eram eles tentados com privilégios, como isenção de impostos, moradia gratuita, monopólio por determinado número de anos no ramo a que se dedicassem, ou empréstimos de capital para adquirir o equipamento necessário. Quando não podiam ser induzidos a mudar de país voluntariamente, os governos costumavam recorrer à prática do rapto. Medidas rigorosas eram tomadas para evitar que voltassem à pátria”.

Isso demonstra que sem manejar a mão-de-obra em escala internacional, a empresa colonialista estaria fatalmente fadada ao fracasso (2).

(1). — Thomson (David), *Pequena História do mundo contemporâneo*. ZZahar. Rio de Janeiro, 1971, 2ª ed., p. 35.

(2). — Huberman (Leo), *História da riqueza do homem*. Zahar. Rio de Janeiro, 1970, 5ª ed., p. 134.

Os chineses foram recrutados para prestarem serviços diversos nos seguintes pontos do globo, num período compreendido entre 1810-1920:

Estados Unidos (e em suas colônias Orientais, Africanas, Asiáticas e Americanas).

França	"	"	"	"
Inglaterra	"	"	"	"
Rússia	"	"	"	"

Mais especificamente: Ilha de Reunion (África)
Ilhas do Pacífico
Ilhas do Fish
Samoa, Transwal, Cuba, Índias Ocidental, América Central, América do sul, inclusive Brasil, Peru, Chile, Honolulu, Guiana Britânica, etc. (3).

No Brasil, o primeiro contrato de trabalhadores chineses data de 1810, quando o conde de Linhares sugeriu a D. João a importação de dois mil chineses (só vieram 400), para uma experiência de plantação de chá nas fazendas do Império.

*

c). — *Causas externas da emigração.*

Inicialmente a emigração e imigração foram sobretudo movimentos espontâneos. Tornaram-se, porém, cada vez mais controlados governamentalmente, através de toda uma política migratória. Causas não econômicas influíram na mobilidade espacial, como fatores de ordem política, mudanças de regiões, alterações de fronteiras, perseguições religiosas (como na época da Reforma na Europa) invasões (como a dos bárbaros). Algumas emigrações foram organizadas, outras não. Existiram migrações de grupos organizados que se realizaram por iniciativa de empresas ou dos próprios emigrantes, assumindo um caráter definitivo e atingindo grandes distâncias, sem que delas resultassem, obrigatoriamente, novos centros de povoamento. Incluem-se nesta categoria as grandes correntes colonizadoras que se encaminharam, sobretudo, para a América e para a Austrália, procedentes da Europa, e da Ásia, a partir do século XVI e parti-

(3). — Luccock (John), *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Biblioteca Histórica Brasileira. Martins Editora. São Paulo, 1942, p. 190; Kidder, *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil*. Biblioteca Histórica Brasileira. Martins Editora. São Paulo, 1940, p. 208.

cularmente nos séculos XIX e XX, como no caso específico dos *coolie* (4).

A expansão da empresa colonial no Ocidente e em direção aos países do Oriente e a demanda de mão-de-obra para as colônias, onde o nativo não era eficiente, são fatores que influíram decisivamente para a partida dos chineses para além mar. Porém, será no estudo da conjuntura regional chinesa que encontraremos a causa fundamental para a saída dos chineses. Esta causa está nas ocorrências internas que marcaram a vida da China nos séculos XIX e XX.

* * *

CONJUNTURA REGIONAL CHINESA.

Premido por circunstâncias conjunturais opressivas, o povo chinês não encontrou outro caminho senão a emigração durante os séculos XIX-XX.

O deslocamento de grandes contingentes do interior para a costa já era um fenômeno a pressionar a partida dos chineses para o exterior. Eram as migrações não organizadas, individuais ou de grupos humanos, realizadas por aqueles que procuravam um trabalho complementar ou uma ocupação nova, fora da comunidade em que viviam. A migração processada dentro das próprias fronteiras da China (migrações internas) era praticada por agricultores, artesãos ou negociantes, que se dirigiam para a costa, atraídos pela maior intensidade do trabalho ou à procura de maiores lucros, e permanecendo ali até que deixassem de encontrar serviços ou auferir vantagens. Não organizadas eram as migrações resultantes do êxodo rural que se encaminhava para as cidades, despovoando os campos e fazendas crescer as áreas urbanas. São as chamadas migrações intranacionais e sua ocorrência na China está vinculada a um rápido processo de urbanização que assolou o país no período abarcado por nossos estudos.

*

a). — *Conjuntura Geográfica.*

A leste da China encontra-se o Oceano Pacífico, a oeste e noroeste os planaltos montanhosos e os desertos. Os inimigos que vinham do norte e nordeste penetravam no *hinterland* chinês dificultan-

(4). — Lee (Chuan Chuen), *Chun Kuo tche min shi*. Shangai, 1937, p. 283; Thomson (D.), *Pequena história do mundo contemporâneo*. Zahar. Rio de Janeiro, 1971, 2ª ed., p. 35.

do a imigração terrestre naquela direção. Porém, no litoral sul da China a navegação facilitava a emigração. Os ocidentais chegavam à China através de barcos a vapor, possibilitando aos chineses sua partida para lugares mais distantes (5).

Na dinastia Chin, o país sofreu sério impacto (destruição de campos e cidades, aumento e criação dos mais diversos impostos) devidas às inúmeras revoltas internas.

A seguir: Guerra do Ópio, intervenção Anglo-Francesa, firmação de tratados, através dos quais os impostos alfandegários não mais ficariam sob jurisdição chinesa; as mercadorias estrangeiras passaram a entrar na China pagando um imposto irrisório e dificultando assim o mercado interno chinês. Toda esta importação de opressão chegou a tal ponto que o povo chinês começou a emigrar. Até o século XIX, comerciantes estrangeiros chegavam em grande quantidade à China, principalmente ao sul. Através deles é que os chineses ficavam a par da situação de outros países. Atraídos pelas informações otimistas seguiam para o exterior (6).

Como constatamos, num país ou região que ultrapassa o seu contingente demográfico, manifestando-se o desequilíbrio entre as suas possibilidades econômicas e as necessidades de sua população, a emigração funciona então como válvula de escape, como mecanismo regulador, para expulsão do excesso de pessoas. A superpopulação tem como uma de suas manifestações o desemprego, com a seqüela inevitável das dificuldades de vida ou, em casos extremos, de miserabilidade. Com isto cria-se um clima favorável à emigração (7).

*

b). — *Conseqüências da Emigração.*

Teoricamente entre os efeitos das emigrações, os mais ponderáveis são a atenuação das pressões demográficas dos países de origem e, conseqüentemente, a contribuição para o povoamento dos países de destino e a melhor utilização da mão-de-obra disponível, com elevação geral da produtividade.

(5). — Os rios chineses facilitavam a circulação em direção à costa: Yang-tse-kiang (rio Azul), com 5.530 km. e uma bacia do tamanho do Peru (1.726.400 km²). O Huang-ho (rio Amarelo), com extensão de 4.650 km e bacia de 531.200 km² (correspondendo à Venezuela ou Estado da Bahia) e o Sin-kiang (rio Pérola) desembocando em Cantão, o trópico do Câncer, com paralelo terrestre passando pelo Rio de Janeiro, Brasil). Bacia de 1.813 mil km²; Lee (Chuan Chuen), *História da imigração chinesa*. Shangai, 1937, p. 37.

(6). — Lee (Chuan Chuen), *História da imigração chinesa* Shangai, 1937, p. 9.

(7). — Kosminsky (E. A.), *História da Idade Média*. Vitória, Rio de Janeiro. 1963, 2a. edição, p. 274.

Conjugados, esses resultados constituem um fator a reduzir os contrastes demo-econômicos internacionais entre populações escassas e mais favorecidas, e regiões superpovoadas e em condições de miséria endêmica. A imigração, como fator de intercomunicação de valores entre os povos, contribui para uma maior solidariedade humana. No caso da China a emigração permitiu a criação e o desenvolvimento de classes médias nos países asiáticos e em sua área de influência.

Conforme o exposto, encontramos uma conjuntura regional na China fracamente favorável à emigração. A crescente urbanização, as lutas internas, os fatores de ordem ecológica e as invasões estrangeiras, submetem o país a toda sorte de adversidades. O resultado é a saída em massa dos chineses. O péssimo tratamento dispensado aos emigrantes será objeto de estudo no próximo item. As medidas tomadas e os acordos entre a China e os países de imigração demonstram ao mesmo tempo que o comércio dos *coolie*, no início um fator de desenvolvimento das colônias no Ocidente, passou, gradativamente, a se tornar um obstáculo a este próprio desenvolvimento. Os acordos em direção à abolição do tráfico marcam as próximas fases do comércio dos *coolie* e finalmente sua extinção total por pressões internas e externas.

* * *

O COMÉRCIO DE COOLIE.

a). — O Tratamento aos "Coolie".

Negociações com os lavradores levaram as agências de recrutamento dos *coolie* a empregar chineses de má conduta a fim de serem levados ao interior para arregimentar os emigrantes. Mas, para o governo chinês, o ultramar era ilegal e era proibida a saída de chineses do país. As agências fixaram-se em Hong-Kong e em Macau, onde não existia a influência da lei chinesa, já que estes territórios viviam sob legislação pertinente aos ocidentais. Os chineses arregimentados eram confinados em barracões (8). Até então eram sujeitos aos maus tratos e aos métodos enganosos dos empregados das agências, sendo que o pior dos métodos consistia na violência (9).

(8). — Semelhantes às prisões, até a chegada do dia de sua partida para o desconhecido.

(9). — Hwa Chao Shi (*História dos chineses ultramarinos*). Taipei, 1956, p. 98; Lee (Chuan Chuen), *Chen Kuo tcho min shi*. Shangai, 1937, p. 258.

O regulamento de Hong-Kong previa para cada contratado uma libra e meia de arroz, meia de carne de porco, um cantil de água, três libras de madeira e uma esteira de 5m². Mas os navios transportadores geralmente não cumpriam esses regulamentos. Os barcos utilizados para o transporte dos *coolie*, eram capazes de transportar de 300 a 700 pessoas e, na maioria das vezes, duplicavam esta capacidade de carga.

Até Honolulu a viagem era de 75 dias. Até a Califórnia, de 75 a 100 dias. Cuba de 147 a 162 dias e Peru, 120 dias. Chegados ao destino, eram feitos leilões dos transportados, pagando-se de 400 a 1.000 yen por cabeça. O lucro era alto, por isso, era vantajoso o comércio dos *coolie* (10).

Muitas vezes ocorriam revoltas entre os *coolie*. Então eram registradas prisões e execuções.

Durante o contrato eram descontadas as despesas com o transporte. Não havia diferença entre os *coolie* comprados e os escravos, ambos eram marcados a ferro, chicoteados e insultados. Em suma, eram tratados como animais, trabalhavam dia e noite. Ao fim do contrato encontrava-se um pretexto para renovar a dívida ou mover uma ação criminal contra eles, e desse modo não eram libertados. Os *coolie* não podiam apelar para a justiça do governo porque os indivíduos de nível social baixo, dela não participavam. Em consequência recorriam freqüentemente suicídio, pois encontravam na morte a única alternativa (11).

Sinteticamente o tratamento dispensado aos *coolie* pode ser visto em três fases distintas e ao mesmo tempo interrelacionadas (12).

1. — a época da arregimentação através de falsas promessas.
2. — a fase dos contratos por escrito, porém raramente cumpridos.
3. — finalmente a fase da preocupação oficial quando o governo chinês começa a pressionar as nações de imigração no sentido de que o tráfico seja, inicialmente, fiscalizado, humanizado e em seguida gradualmente restringido.

(10). — *Blue Book-paper rol. to chine, 1871-76*, p. 6-7.

(11). — Lee (Chuan Chuen), *Chen Kuo tche min Shi* (história das imigração chinesa). Shangai, 1937, p. 262; Figueiredo (Lima) (ten. col.), *Um ano de observação no Extremo Oriente*. Rio de Janeiro, 1941, p. 34.

(12). — Chen (Ta), *Chinese migrations with special reference to labour conditions*. Washington, 1923, p. 125; Morse (H. B.), *The international relations of the chinese empire*. Shangai, 1910, v. VII, p. 170; *Nan Yang Lien Chieng* (Registro dos acontecimentos anuais). Segundo narração oral do vice-presidente Chow Chi Kong, do Conselho sobre Assuntos dos Chineses Ultramarinos. Taipei, 1949.

b). — *Preocupação Oficial.*

1865 — os ministros da Inglaterra e França negociam com o governo chinês um acordo sobre os contratados (13).

— as insatisfações dos humanistas de todo o mundo eram manifestadas em seus relatórios e jornais.

— Os *coolie* do todo o mundo apelavam contra as injustiças que estavam sofrendo.

1874 — A China manda investigadores para diversos países (14).

A política de proteção aos *coolie* continuou generalizando-se gradualmente por todo o mundo, num sintoma evidente de que o comércio já estava com os dias contados. Portanto, o comércio dos *coolie* havia chegado a uma situação em que a Inglaterra, país líder do bloco capitalista ocidental na Europa, não mais se interessava pela sua manutenção. Mesmo no século XVII já haviam se manifestado correntes favoráveis à abolição do tráfico de negros para os trabalhos nas colônias. O século XIX é marcado por movimentos abolicionistas em várias partes do mundo, muitos deles por inspiração britânica (15).

Não mais interessava à potência capitalista o trabalho escravo ou semi-escravo. Este tipo de trabalho já havia dado sua colaboração para o desbravamento na empresa colonial. O moderno sistema inaugurado pela produção em série, a partir das novas descobertas aplicadas à indústria, passava a despertar interesse não só com o trabalho assalariado em lugar do trabalho escravo (cuja rentabilidade já começava a ser posta em questão), como também em concessões que se traduziam por contratos elaborados para a imigração (16).

* * *

(13). — Lee (Chuan Chuen), *Chun kuo tche min shi* (História da imigração chinesa). Shangai, 1937, p. 267; Chen (Le Tei), *Chun kuo hai wai y min shi* (História das imigrações chinesas). Shangai, 1946, p. 84.

(14). — *Ibidem.*

(15). — Lee (Chuan Chean), *Chun kuo tcho min shi*. Shangai, 1937, p. 269.

(16). — Chen (Ta), *Overseas chinese in the south seas*. Chungking, 1936, p. 54; Chen (Li Tei), *Chun kuo hai wai min shi*. Shangai, 1946, p. 85.

CONCLUSÕES.

O comércio dos *coolie* parece-nos não ter sido uma forma correta de imigração, na história chinesa. Na história humana este comércio foi uma passagem amarga. Em 1815, na Conferência de Viena e, em 1865, depois da Guerra Civil dos Estados Unidos, cessou completamente o tráfico de escravos. Ingleses e franceses acompanharam esta posição. Mas um sistema semelhante foi iniciado, no quadro das emigrações. Apenas o nome havia mudado para sistema *coolie*. Na realidade, tratava-se apenas de uma continuação da escravidão clássica.

A escravidão já havia colaborado para frear o processo de desenvolvimento econômico em várias partes do globo. Nos Estados Unidos, todo impulso de independência dos assalariados ficou paralisado, enquanto a escravatura desfigurava uma parte da República. O trabalhador branco não podia emancipar-se onde se ferretara o trabalhador negro. Mas, da morte da escravatura, surgiu imediatamente uma nova vida.

Em escala mundial a mobilidade espacial de grandes contingentes humanos está sujeita, inevitavelmente, à lei da oferta e procura de mão-de-obra. Daí os aparentes paradoxos: em certas épocas de atividade febril, o mercado de trabalho se revela, sem dúvida, insuficiente, para atender a toda a procura, assim, por exemplo, em 1834. O comércio dos *coolie* se desenvolve numa época marcada pelas grandes emigrações. Tornando constantemente supérflua uma parte dos trabalhadores, a indústria moderna nos países em que está radicada, estimula e incita a emigração para países estrangeiros e sua colonização, que se convertem, assim, em colônias fornecedoras de matérias-primas para a mãe-pátria.

Antes do início do comércio dos *coolie* propriamente dito, no começo no século XVII, já se encontravam trabalhadores chineses como imigrantes obrigatórios. Eles representaram o prelúdio do 'sistema de coolie'.

No princípio do século XVII, na ilha de Java, os holandeses começaram a fazer grandes plantações. As populações nativas eram poucas ou preguiçosas. O progresso era muito lento e os chineses foram contratados. Apesar do governo chinês proibir a saída dos *coolie*, eles fugiram para Java. Eram poucos os que cometiam esta loucura, mas os holandeses enganavam os fugitivos e terminavam por dar-lhes trabalhos pesados.

Os piratas do mar da China meridional, atraídos pelos altos lucros recebidos dos holandeses, atacavam com violência os que embar-

cavam nos navios. Assim, poderiam vendê-los aos holandeses. Contudo, o número de imigrantes era insuficiente para desenvolver as colônias. Os europeus mandam secretamente, piratas capturarem chineses na costa da China a fim de recrutar trabalhadores. E haviam chineses agiotos enganando os jovens a fim de vendê-los aos ocidentais.

Semelhante ao dos trabalhadores contratados, o *sistema de "coolie"* era pior que a escravidão, pois os contratados eram obrigados a trabalhar e não dependiam de outrém, ao passo que os *coolie* tinham contratos mas eram considerados simples mercadoria. Daí os europeus chamarem de *comércio dos "coolie"* a esse sistema.

As companhias de imigração dos estrangeiros empregavam chineses vadios, aos quais enganavam e recebiam altos lucros, conseguidos por métodos anti-humanos. Além do mais, a navegação era má, havia falta de alimentação. Quando chegavam ao destino recebiam serviços pesados, chegando a adoecer na maioria dos casos. O *sistema de "coolie"* representa um período muito desagradável na história da China. Graças à opinião pública mundial, principalmente a européia, e com a declaração de independência e a libertação dos escravos pelo presidente Lincoln, dos Estados Unidos, e aos humanistas todo o mundo, findou o sistema de escravidão. Precisamente no princípio do século XX o *sistema de "coolie"* chegava ao fim. Todos passaram a ter vida livre e igual.

De qualquer forma o *sistema de "coolie"* foi útil porque muitos serviços foram desenvolvidos nessa época. Citaremos alguns já demonstrados em nosso trabalho, como a introdução de novas técnicas de agricultura nas plantações de arroz, algodão, cana-de-açúcar, chá e café, sem falar no desenvolvimento das minas, de adubos de pássaros e até mesmo na prestação de serviço militar durante a I Guerra Mundial.

Todos estes acontecimentos positivos nos levaram a registrar como de grande importância este fenômeno marcante na história da civilização em geral e, de modo especial, na história da China.